

Do Alto da Misericórdia ao bairro Abadia, na cidade de Uberaba - séc. XIX - XX: uma breve discussão histórica

Camilla Bernardes da Costa

Aluna do curso de História da Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM e integrante do Programa de Educação Tutorial – PET na mesma instituição desde 2014.

E-mail: camillabcosta@yahoo.com.br

Pedro Paulo Gonzaga de Moraes

Graduado em História pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM e integrou o Programa de Educação Tutoria – PET na mesma instituição de 2011–2015.

E-mail: pedropaulogonzaga@hotmail.com

Resumo: Este artigo foi elaborado a partir do trabalho realizado no bairro Abadia, na cidade de Uberaba, pelo Núcleo de Pesquisa – NUPE, do PET História da Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM. O bairro Abadia é um dos maiores, mais antigos e mais importantes bairros da cidade. Inicialmente denominado Alto da Misericórdia, formava uma das sete colinas da cidade no fim do século XIX. Ao longo do século XX, o bairro passou por muitas transformações, tornando-se um dos mais significativos da cidade e constituindo uma identidade peculiar.

Palavras-chave: Bairro Abadia. Memória. Imaginário.

Abstract: This article was drawn from the work done in Abadia neighborhood, in Uberaba, by Núcleo de Pesquisa – NUPE, of PET História from Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM. Abadia neighborhood is one of the largest, the oldest and the most important districts of the city. Initially called Alto da Misericórdia, it formed one of the seven hills of the city in the late nineteenth century. Throughout the twentieth century the district went through many transformations becoming one of the most significant of the city and constituting a peculiar identity.

Keywords: Abadia District. Memory. Imaginary.

Em meados do século XIX, por volta de 1812, Major Eustáquio ou Antônio Eustáquio da Silva constituiu residência em uma chácara, o que atraiu um crescente povoado ao seu redor. Da transição de povoado denominado Santo Antônio e São Sebastião, para arraial e, finalmente, cidade de Uberaba, em 1856, passaram-se 44 anos. De acordo com Hildebrando Pontes (1970, p. 3), o atual nome da cidade teve sua origem na língua guarani, com significado “água brilhante”.

Na metade do século XIX, a cidade já era vista como uma das “princesas do sertão”, símbolo de crescimento e modernidade, atraía olhares de cidades vizinhas que viam Uberaba prosperar.

Esses trinta e dois anos (1827-1859) foram, no princípio, a época mais pujante do desenvolvimento de Uberaba, que alcançou as prerrogativas de vila e cidade. A sua população aumentou e o comércio nos três últimos anos quadruplicou a venda do sal cuja importação subia a 135 mil sacas ou alqueires. (PONTES, 1970, p. 91).

Além da sua crescente modernidade, outra característica que chamava atenção na cidade eram suas sete colinas¹, sendo uma destas inicialmente denominada como Alto da Misericórdia e, posteriormente, seria conhecida como bairro Abadia. “O Bairro Abadia está localizado no quadrante sudeste da cidade de Uberaba e corresponde a uma das sete colinas que formavam o sítio urbano em fins do século XIX” (REIS, 2014, p. 58).

Hildebrando Pontes (1992) e José Mendonça (1974), ambos memorialistas, apontam que o desenvolvimento do bairro se faz notar após a construção da Santa Casa de Misericórdia, iniciada por meio do frei Capuchinho Eugênio Maria de Gênova, em 1858, e, posteriormente, da Igreja de Nossa Senhora da Abadia em 1881 (ARQUIVO PÚBLICO DE UBERABA, 2008, p. 55).

Ambas as construções, tanto a Santa Casa de Misericórdia, quanto a Igreja de Nossa Senhora da Abadia, tiveram grande influência no processo de ocupação e até mesmo na nomeação do bairro que, como apontado anteriormente, foi denominado como Alto da Misericórdia e, posteriormente, Abadia, o que demonstra a transformação da identidade, memória e sensibilidade dos moradores e frequentadores da região desde a sua origem.

De acordo com fontes documentais disponíveis no Arquivo Público de Uberaba (APU), no século XIX, o Bairro Alto da Misericórdia ou Abadia era o principal acesso para a cidade de Uberaba para aqueles que vinham da região de São Paulo, tendo sua passagem pelo porto de Ponte Alta ou córrego do Barro Preto, atualmente canalizado e localizado entre as regiões do Bairro Estados Unidos e da Avenida Guilherme Ferreira.

Porém, como exposto por Reis (2014, p. 59-60), as dificuldades de acessibilidade com apenas duas pontes, que ligavam o Alto d’Abadia ao centro, uma sobre o Córrego Capão da Igreja onde hoje é a Avenida Guilherme Ferreira e outra sobre a atual rua Dr. Paulo Pontes, a falta de infraestrutura da região em meados do século XIX e o destaque que o Alto São Benedito assumia contribuíram para que o bairro Abadia não fosse valorizado de imediato e, por isso, não atraiu uma população de grande poder aquisitivo.

As classes abastadas da cidade, desde o período do auge da pecuária bovina e do gado zebu, elegeram a porção ao sul do Córrego das Lages, no entorno da Praça Rui Barbosa

¹ “As colinas ou altos que dão nome aos bairros são para alguns em número de 6 (historiador Antônio Borges Sampaio) para outros em número de 7 (Hildebrando Pontes). Este fato se explica porque se divide o Alto da Abadia em duas colinas diferentes (Abadia e Barro Preto).” (FUNDAÇÃO CULTURAL, p. 3).

e Bairro São Benedito, como local de residência, lazer e descanso. Dessa forma, gradativamente essa região passou a abrigar os equipamentos e serviços direcionados para o consumo dessas classes, constituindo a expansão da Área Central (REIS, 2014, p. 45).

Com essa informação, percebemos que o Bairro São Benedito ganhou maior destaque pela população, ao elegerem-no para residência, lazer e descanso, o que contribuiu com o estabelecimento de comércio e serviços na região e, assim, com a desvalorização do Bairro Abadia pela classe abastada.

O Largo da Misericórdia é a região mais antiga do bairro e recebeu as principais construções como o cemitério São Francisco em 1870, que se localizava nos fundos da Santa Casa de Misericórdia (1858), o Colégio de Nossa Senhora das Dores (1893), o Asilo Santo Antônio (1912) e a Capela de Nossa Senhora das Dores (1928) (FUNDAÇÃO CULTURAL, 1985).

Em 1923, foi inaugurado o novo Mercado Municipal que antes se situava na Rua Lauro Borges, construído o novo prédio da Santa Casa, destruído após um incêndio, e, na década de 1940, o Uberaba Tênis Clube e o Grupo Escolar América. (FUNDAÇÃO CULTURAL, 1985).

É possível afirmar que, para o bairro Abadia, os anos de 1900 a 1930 são considerados como a força motriz para um maior adensamento populacional, marco na construção civil e no início de um comércio que passa a se estruturar de modo a consolidar seu papel na identidade comercial e cultural uberabense.

Já a partir da segunda metade do século XX, o bairro se expandiu com a implantação da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro no ano de 1954, local onde situava a cadeia pública, a transformação da Santa Casa em Hospital de Clínicas da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro, em 1967, a inauguração de sede própria do Hospital do Pênfigo (1968) que antes funcionava nas instalações do Asilo São Vicente (1902), além da construção do Hospital São Domingos em 1960. (FUNDAÇÃO CULTURAL, 1985).

Outras importantes criações no setor educacional, além da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro, foram as escolas E.E. Nossa Senhora da Abadia, E.E. Anexa à Supam e a E. E. Geraldino R. da Cunha, na década de 60, instaladas para atender à crescente população do bairro (FUNDAÇÃO CULTURAL, 1985).

Com a ampliação do bairro em que passou a habitar um número cada vez mais expressivo de pessoas, o comércio se intensificou no mesmo período, a princípio com mercearias, açougues e armazéns, ou seja, para atender às necessidades da população local. Já a diversificação, a ampliação e a dinamização dos diversos setores e atividades no bairro Abadia ocorreram apenas na última década do século XX, e a principal região de desenvolvimento desse comércio tem foco na Rua Prudente de Moraes, com destaque no início do século XXI (REIS, 2014).

De acordo com histórico elaborado pela Fundação Cultural (1985, p. 15), o bairro, no início, foi “[...] tradicionalmente habitado por operários e trabalhadores do setor terciário”. E, como exposto por Reis (2014), quando analisamos a forma como a ocupação do bairro ocorreu, percebemos uma diferenciação em relação à região próxima ao Largo da Misericórdia, áreas com acesso mais rápido ao centro da cidade e

os locais mais distantes, áreas situadas atrás da Igreja de Nossa Senhora da Abadia. Nessas regiões mais longínquas, nota-se que as classes com menor poder aquisitivo se beneficiaram com loteamentos populares e constituíram moradias.

Segundo informações do Arquivo Público de Uberaba (2008, p. 55), sobre as regiões que se localizam na parte leste do bairro²,

de acordo com o mapa da cidade de Uberaba de 1942 – assinado pelo engenheiro Nicolau Baldassarre e pelo diretor de Vias Públicas de Uberaba, Abel Reis – a parte do bairro compreendida entre as ruas Orlando Rodrigues da Cunha, Iguatama, Prudente de Moraes e São Tomas de Aquino, era conhecida como “Cidade dos Pobres” e abrigava, na atual Rua Santo Amaro, um Leprosário (hospital da época que prestava socorro às vítimas de doenças contagiosas).

Assim, esses locais passaram a refletir no bairro dois perfis socioeconômicos distintos, um localizado na região oeste que abrigava uma população abastada, com poder aquisitivo maior, e a parte leste que abrigava a população pobre, conceitos até hoje enraizados na memória e imaginário social do bairro e da cidade. É comum ouvir expressões como morar “na frente” (oeste) ou “nas costas” (leste) da santa. O que corrobora a afirmação de Baczko (1985, p. 313):

[...] todas as cidades são, entre outras coisas, uma projeção dos imaginários sociais no espaço. A sua organização espacial atribui um lugar privilegiado ao poder, explorando a carga simbólica das formas (o centro opõe-se a periferia, o “acima” opõe-se ao “abaixo”, etc.).

Como aponta Lucília Delgado (2010, p. 16), “[...] a história oral é um procedimento, um meio, um caminho para produção do conhecimento histórico”, e como a memória é a “[...] principal fonte dos depoimentos orais, é um cabedal infinito, onde múltiplas variáveis – temporais, topográficas, individuais, coletivas – dialogam entre si, muitas vezes revelando lembranças [...]”. Sua utilização se apresenta como uma importante ferramenta para os estudos históricos e para o trabalho do historiador.

Na historiografia, alguns autores como Jaques Le Goff e Pierre Nora nos ajudam a compreender o papel da memória coletiva e dos espaços de sociabilidade na construção da identidade dos atores sociais do bairro Abadia.

Para Nora (1993, p. 9),

a memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações.

Segundo Le Goff (2010, p. 427), existem duas formas de memória: “a primeira é a comemoração, a celebração através de um monumento comemorativo de um acontecimento memorável”. Outra forma de memória “[...] é o documento escrito num

² Ponto de referência para localização: posição da Igreja e imagem de Nossa Senhora da Abadia.

suporte especialmente destinado à escrita [...]” (p. 428), e destaca que os documentos possuem uma natureza de monumento e não existe memória coletiva bruta.

A Festa de Nossa Senhora da Abadia é um dos maiores marcos dessa memória coletiva, de espaço, celebração, fé e sociabilidade, que acontece todos os anos desde a construção da Igreja em meados do Século XIX, até os dias atuais. A festa acontece na primeira quinzena de agosto, não movimentando apenas o bairro, mas toda a cidade que se une em homenagem àquela que é a padroeira da cidade, como pode ser observado pelo depoimento de uma moradora do bairro.

A Festa de Nossa Senhora da Abadia cultiva inúmeras importâncias visto a sua amplitude não somente para o bairro como para a cidade de Uberaba e região. Quando penso no mês de Agosto sempre penso na Festa da Abadia. Creio que assim acontece com todos ou quase todas as pessoas que moram no bairro do santuário. Posso dizer que toda a minha família foi criada dentro da igreja D’Abadia. Desde o batizado, primeira eucaristia, crisma e o casamento dos meus pais, irmãos, tios, primos, tudo foi realizado no santuário. (Alessandra Maria Quintino Pereira (2014)).

Durante os quinze dias de festa, são realizadas missas, rosários, leilões, quermesses que são organizados pela comunidade da igreja e por muitos moradores do bairro em período antecedente ao evento.

[...] minha Avó durante muitos anos costurou roupinhas de bonecas para a barraquinha das bonecas que hoje não existe mais. Ela também cuidava da alfaias Litúrgicas levando pra casa para lavar e engomar. Tudo isso na época do nosso tão querido PE. Ângelo e falar da festa e como falar de uma confraternização para os moradores do bairro que se preparam tempos antes para receber os visitantes da cidade e região na casa da mãe Abadia. Digo isso com toda a certeza, pois há anos tento, no que posso ajudar durante a festa tanto na parte religiosa como na parte social. [Alessandra Maria Quintino Pereira (2014)].

Esses depoimentos demonstram a força do imaginário religioso e como a tradição da festa foi passada de geração para geração. Com o passar do tempo, as tradições continuam presentes no cotidiano de seus moradores, contudo mudanças são perceptíveis, a exemplo da confecção de bonecas que eram feitas a mão e vendidas durante a festa. E, no tempo presente, as atrações modificaram, porém o sentimento de fé, o pertencimento e a construção simbólica da festa permanecem. O que pode ser compreendido pelo que nos ensinou o historiador M. Bloch (2001, p. 60): “os homens se parecem mais com sua época do que com seus pais”, ou seja, à medida que mudam as representações dos moradores, mudam também suas práticas.

Segundo a autora Marcia D’Alessio (1998), muitos autores, atualmente, consideram que a memória é algo inexistente. Alguns elementos como a extinção do narrador, o declínio da narração, a aceleração da informação, em conjunto na estrutura da sociedade atual, fortalecem o interesse pelo novo, pelo futuro, e nos levam a demandar o que é rápido e abreviado. Assim, os lugares de memória, que abrigam referenciais, se tornam o reflexo da busca cada vez maior pelas lembranças e, especialmente, pela identidade.

Já para Nora Pollak (1993), a memória tem relação com a coletividade e é carregada por grupos vivos, por isso está sempre em transformação e evolução. Assim, percebe-se que uma mudança nos valores sociais também interfere na transformação da identidade de seus atores sociais.

Nesse sentido, aspectos da memória coletiva continuam presentes no imaginário do bairro Abadia. A devoção, a sacralização da Fé católica ou mesmo os marcos de sociabilidade estão presentes na construção da Praça de Nossa Senhora da Abadia, na feira do domingo, nas compras na Rua Prudente de Moraes, no Mercado Municipal, no forró do Uberaba Tênis Clube. Todos esses pontos são espaços de sociabilidade que continuam presentes na memória de seus moradores, mesmo com as mudanças na identidade e nos valores sociais.

Como demonstra o depoimento da moradora exposto anteriormente, o mês de agosto já faz parte da memória dos habitantes do bairro e da cidade. Com a aproximação da data, muitos religiosos e curiosos já esperam pela movimentação, o comércio se prepara, o ritmo e o cotidiano do bairro se transformam para atender às necessidades da festa.

Esse se torna um instante de auto-reconhecimento, ou seja, “[...] aquele conjunto de formas de ser, de valores e de códigos nos quais as pessoas se reconhecem” (D’ALESSIO, 1998, p. 279). Aqueles que participam das inúmeras atividades da festa têm a oportunidade de aprofundar laços, retomar e renovar vínculos, construir novos propósitos e práticas, enfim, reconhecer-se e reconhecer os semelhantes.

Em pesquisa no APU de Uberaba, periódicos como *Lavoura e Comércio* (1966) e *Correio Católico* (1956), hoje extintos, demonstram a importância da festa e da paróquia para a construção social na cidade de Uberaba, apontando não apenas as transformações nos ritos de passagem para a constituição da festa, mas também a importância social que a paróquia exercia em relação a seus fiéis.

O *Correio Católico*, assim, apresenta a realização do concurso de rainha da quermesse da Festa de Nossa Senhora da Abadia.

Com grande brilhantismo e entusiasmo está sendo realizado o concurso <Rainha da Quermesse> cujo título está sendo disputado por moças pertencentes ao câro paroquial e associadas da Pia União. As candidatas são as mais dedicadas nas obras da paróquia: catecismo, associações e câro paroquial. Na escolha das mesmas a Pia União visou somente elementos de reconhecida piedade e prática religiosa intensa. Elas por suas vezes se esforçarão por uma intensa luta que se traduzirá em benefício da construção da Igreja de N.S.d’ Abadia. Este título Rainha da Quermesse se resume num único objetivo das candidatas: angariar mais votos, não para as vaidades mundanas, mas por uma colaboração na quermesse. Na prática de vida cristã e agora querem ser as primeiras também no trabalho material em benefício da Igreja da Paroquia. (CORREIO CATÓLICO, 11/08/1956).

O periódico aponta uma tradição da comunidade cristã que, nos dias atuais, não ocorre do mesmo modo, demonstrando um movimento de transformação de costumes. Contudo, o imaginário da fé, o objetivo e as quermesses ainda ocorrem, atendendo às necessidades de seu tempo presente.

Em artigo do periódico *Lavoura e Comércio*, o articulista José Mendonça aponta as questões assistencialistas que a Paróquia de Nossa Senhora da Abadia exercia sobre o bairro:

a campanha que se desenvolve, na Paróquia da Abadia, para ampliação e desenvolvimento da Assistência Social, é uma das mais belas, das mais nobres, das mais úteis e necessárias que já se realizaram, nesta cidade. Todos os uberabenses devem dar-lhe o seu apoio e sua solidariedade, com entusiasmo e alegria. O movimento honra, exalta, e dignifica a própria civilização de nossa terra. Revela, principalmente, a excelência dos nossos sentimentos cristãos [...] Ninguém pode esquivar-se ao dever de colaborar com esse movimento de tão nobres finalidades cristãs e sociais. As famílias pobres, as jovens operárias, os menores abandonados de Alto da Abadia serão efetiva e realmente amparados. Muitos valores reais serão, certamente, descobertos, encontrados, para serem encaminhados, de acordo com suas aptidões a tarefas e misteres úteis à sociedade. Muitos e muitos serão resgatados da miséria, do abandono, dos sofrimentos físicos e morais, da tristeza do desânimo. Muitos se emanciparão pelo trabalho e conhecerão a verdadeira alegria de viver, a alegria de ser úteis, à família, e à sociedade. A Campanha Social da Paróquia da Abadia é um exemplo magnífico para todo o Brasil. Inspira-se na doutrina social da Igreja. Se em todas as cidades e em todas as paróquias fossem realizados movimentos semelhantes, o Brasil romperia as fronteiras do subdesenvolvimento e estaria, livre, para sempre do perigo comunista. O grande vigário Revmo. Padre Ângelo Pozzani e todos os promotores da campanha estão de parabéns. Merecem a gratidão e os aplausos de todos os uberabenses. E precisam do apoio efetivo de todos nós. Que todos os filhos e habitantes desta cidade abençoada saibam cumprir agora, o seu dever (*LAVOURA E COMÉRCIO*, 1966, nº 16341, 25/03/1966).

Como visto no periódico, a paróquia de Nossa Senhora da Abadia tinha como dever social e cívico a realização de trabalhos de apoio à comunidade carente do Alto da Abadia, como de menores abandonados. Ao publicar essa reportagem, José Mendonça pede o apoio não só da comunidade cristã, mas de toda a cidade na luta por melhores condições de vida digna de seus habitantes. O autor parecia querer deixar gravada a importância social da paróquia para sua população.

Outro marco de referência da história, memória, identidade e sociabilidade do bairro Abadia e da cidade é o Mercado Municipal de Uberaba que foi inaugurado em 1923, bem próximo ao centro da cidade. Antes, o Mercado funcionava na Rua Alaor Prata. Além de um local de sociabilidade para os moradores da cidade, o Mercado, como é conhecido, é um espaço que concentra bens, serviços e comércio com uma grande variedade de produtos que atende desde as necessidades básicas até a procura por itens da tradicional cultura mineira.

Nosso velho Mercado foi, durante longos anos, o mais importante centro de negócios varejistas do setor de alimentação na cidade. Era, além disso, um verdadeiro ponto de encontro de amigos e fregueses, que ali se reuniam nos bares e cafés para longas conversas, sobretudo nas sossegadas manhãs dos fins-de-semana (LOPES, M. A. B *apud* PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERABA, 2014a).

Essa passagem demonstra a importância comercial que o Mercado exerceu durante muitos anos não apenas no bairro Abadia, mas na cidade de Uberaba, além de reforçar o local como um espaço de sociabilidade para a população.

Com a passagem do tempo, notamos uma mudança no uso desse espaço. Sua importância como um ponto de sociabilidade se perde na caminhada, por isso vários projetos como eventos culturais, encontros de marchinhas, dentre outros são desenvolvidos para atrair jovens e adultos e preservar as tradições que estão sendo esquecidas, pois, como afirma D'Alessio (1998, p. 270),

[...] a vontade de lembrança se dá em um momento de tensão entre tradicionalismo e modernidade, tensão essa reveladora de rupturas que, apesar de longamente preparadas, desorganizam formas de viver e quadros mentais coletivos, originando vácuos que as lembranças preenchem.

Contudo, é importante ressaltar que moradores mais antigos e tradicionais ainda continuam utilizando o Mercado como ponto de encontro e confraternização.

Independente das transformações históricas, sociais, culturais dentre outras ocorridas na sociedade uberabense, alguns hábitos continuam cristalizados no imaginário social de seus frequentadores. Vale ressaltar que o Mercado Municipal se tornou um importante ponto turístico, às vezes esquecido como parte do bairro, que representa com maestria a identidade do povo uberabense.

Inovações e transformações acontecem a todo momento, como as várias reformas no local (1936, 1992 e 2014) e a diversificação dos produtos para atender as novas necessidades e os novos clientes. Entretanto, como exposto, o Mercado Municipal por muitos anos se consolidou como um importante centro comercial e patrimônio histórico para Uberaba e para o bairro Abadia, mas aos poucos foi perdendo espaço para novos centros que se formavam (PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERABA, 2014b).

A metade do século XX, especialmente em seu último quartel, se apresenta como um período importante para a formação de um novo subcentro e de um crescimento populacional no bairro. A atuação massiva e decisiva de entidades religiosas e filantrópicas, juntamente com hospitais e a universidade, foram decisivos para a ampliação e melhorias tanto das vias urbanas como da infraestrutura da região.

Nessa perspectiva, a formação do subcentro inicia no contexto de periferação da cidade de Uberaba após a década de 1970, sendo que o principal fator envolvido foi o crescimento da população [...] que levou à expansão das periferias, dificultando o acesso à Área Central, além da ampliação das necessidades de consumo e trabalho da população local. Nas últimas décadas, o quadrante sudeste da cidade está se expandindo a partir da implantação de novos loteamentos, que se interligam com o Bairro Abadia através das infraestruturas de transporte e circulação, conferindo-lhe ampla acessibilidade. (REIS, 2014, p. 64 - 65).

A ampliação de avenidas, como a Guilherme Ferreira, a Prudente de Moraes e a Saldanha Marinho, e de linhas de transportes urbanos foi decisiva tanto para o

realocamento populacional ao entorno do bairro Abadia, quanto para a formação de um subcentro comercial na região.

Observa-se que o setor de comércio do bairro era composto naquela época [1980] por mercearias, armazéns e açougues (55 % do total), constituindo o comércio de bairro. Portanto, ainda não havia uma diversificação das atividades de comércio e serviços. Nesse sentido, aferimos que o subcentro do Bairro Abadia nas ruas Prudente de Moraes e Saldanha Marinho começou a se formar após a década de 1980, a partir da concentração de comércio e serviços mais diversificados. Essas informações corroboram com os dados da pesquisa de campo, na qual observamos que os estabelecimentos mais antigos da Rua Prudente de Moraes são da década de 1970, com tendência para expansão e diversificação das atividades a partir dos anos 1990, período que abrange 85% dos estabelecimentos pesquisados (REIS, 2014, p. 64).

Como exposto por Reis (2014), o comércio no bairro foi se diversificando após a década de 80 e hoje possui subcentros em duas das suas principais avenidas. Como podemos observar em período anterior, o comércio dessa região era formado por armazéns, mercearias que atendiam às necessidades básicas de sua população. Atualmente, a ampliação comercial possibilitou a instalação de lojas, boutiques, supermercados, lojas de departamento, bancos dentre outras esferas comerciais encontradas em outros centros.

O comércio do bairro Abadia atrai moradores do entorno e do restante da cidade, pela sua pluralidade e efervescência. A Avenida Prudente de Moraes é considerada como a “Vinte e Cinco de Março” de São Paulo, ou seja, local com grande fluxo de comércio que não atende apenas às necessidades locais, mas também regionais, pela sua variedade comercial, atendendo diversos públicos e classes sociais.

Outro marco comercial, que faz parte da identidade e da construção simbólica não apenas dos moradores do bairro Abadia como também da cidade de Uberaba, é a feira da Abadia que acontece nas manhãs de domingo, na principal avenida de acesso ao bairro. No dia de sua montagem, as lojas e a feira se interligam, atraindo centenas de pessoas de todos os cantos da cidade; a variedade de produtos desde a alimentação ao vestuário é intensa.

De acordo com o site oficial da Prefeitura Municipal de Uberaba (2014c), a feira da Abadia é a maior em extensão e em número de comerciantes na cidade, assim, conta com, aproximadamente, 600 boxes que são montados ao longo da Avenida Prudente de Moraes.

Idosos utilizam-se do espaço para encontros e sociabilidade, jovens saem da balada para comer pastel, enfim, a feira pode ser considerada um importante marco não apenas na memória, mas na cultura e no imaginário social da cidade de Uberaba, visto que colabora na formação das práticas dos sujeitos, regulando a vida coletiva e as relações estabelecidas.

Considerações finais

O século XIX lançou luz ao processo de constituição do Alto da Misericórdia que, ao longo do século XX, se transformou em bairro Abadia. Já no século XX, o bairro

ganhou novos tons e formas em uma rica paleta de cores, com o crescimento populacional, o desenvolvimento das vias urbanas, do comércio, das melhorias na infraestrutura e na construção dos espaços públicos.

Como exposto ao longo do artigo por meio de historiadores como Le Goff, Nora, D'Alessio, ao olharmos para o bairro Abadia, percebemos sua constituição como um espaço vivo de memória que forma e ressignifica a identidade de seus moradores.

A Igreja e a Festa de Nossa Senhora da Abadia, o Mercado Municipal, o comércio na Av. Prudente de Moraes e a feira são alguns desses espaços de memória viva que estão sempre em transformação, mas, além desses, outros espaços compõem a história, o cotidiano, a memória e a identidade dos moradores.

Algumas lacunas, ao que se referem aos costumes, engajamentos e tradições dos sujeitos que compõem a história do bairro Abadia, ainda precisam se desenrolar no novelo da construção histórica. Dentre exemplos a serem abordados: qual a percepção de seus moradores em relação ao seu pertencimento? Como são vistos e como se veem os moradores que habitam na frente e atrás da santa? Qual o olhar tanto dos jovens, quanto dos idosos em relação a sua própria história, como moradores e formadores de tradição? Bem, isso é outra história para uma próxima reflexão.

Referências

ARQUIVO PÚBLICO DE UBERABA. *Apostila nossas praças*. 2008.

BLOCH, M. L. B. *Apologia da história, ou o ofício do historiador*. Tradução: André Telles, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BACZKO, B. Imaginação social. In: *Enciclopédia Einaudi*. Vol.1. Memória e História. Lisboa: Imprensa Nacional e Casa da Moeda, 1985, pp.296-332.

D' ALESSIO, M. M. *Intervenções da memória na historiografia: identidades, subjetividades, fragmentos, poderes*. São Paulo: Projeto História, 1998.

DELGADO, L. A. N. *História oral – memória, tempo, identidades*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FUNDAÇÃO CULTURAL DE UBERABA. *Histórico dos bairros*. Uberaba, 1985.

LE GOFF, J. *História e memória*. Tradução: Irene Ferreira. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

MENDONÇA, J. *História de Uberaba*. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1974.

NORA, P. *Memória e história: a problemática dos lugares*. Tradução: Yara Aun Houry, 10. ed. São Paulo: Projeto História, 1993.

PONTES, H. A. *Vida, casos, perfis*. Arquivo Público Mineiro, 1992.

PONTES, H. A. *História de Uberaba e a civilização no Brasil Central*. Uberaba-MG: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1970.

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERABA. *Mercado Municipal de Uberaba: 90 anos*. Uberaba-MG, 2014a.

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERABA. *Patrimônio histórico*. [online]. Uberaba-MG, 2014b. Disponível em: <<http://www.uberaba.mg.gov.br/portal/conteudo,622>>. Acesso em: 01 mar. 2015.

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERABA. *Feiras livres*. [online]. Uberaba-MG, 2014c. Disponível em: <<http://www.uberaba.mg.gov.br/portal/conteudo,102>>. Acesso em: 01 mar. 2015.

REIS, L. G. L. *Novas centralidades urbanas em cidades médias: uma análise sobre o bairro Abadia em Uberaba-MG*. 2014.

Jornais:

Correio Católico, 11/08/56.

Lavoura e comércio, 25/03/66.